

MESSIAS E REINO DE DEUS

Aspectos da expectativa escatológica em escritos judaicos dos séculos 2 aC a 1 dC

Emilio Voigt

O evangelista Marcos destaca o anúncio da vinda do “Reino de Deus” como elemento central na atividade de Jesus: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1,14s). Nos sinóticos, o Reino de Deus é anunciado como muito próximo, ou como realidade já manifesta em curas, exorcismos e na comunhão de mesa com prostitutas, publicanos e pecadores. Sobre aquele que anuncia a chegada do Reino há diferentes opiniões: “(...) Quem dizem os homens que sou eu? E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas. Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo” (Mc 8,27-29). Para o Novo Testamento e para a tradição cristã, todavia, não há dúvida: Jesus é o Messias esperado, aquele que veio inaugurar uma nova era. A convicção de messianidade foi inclusive incorporada ao nome do pregador galileu: Jesus Cristo. “Reino de Deus” e “Messias” são, portanto, elementos fundamentais da escatologia cristã. Mas não são elementos criados por Jesus ou pelo cristianismo. Quando Jesus anuncia o Reino e quando o Novo Testamento apresenta Jesus como Messias, pressupõe-se que esses termos sejam conhecidos. O presente artigo apresenta um breve panorama da percepção do reinado de Deus e da figura do Messias em escritos judaicos dos séculos 2 aC até o 1 séc. dC. Trata-se de uma apresentação limitada e seletiva, que não reproduz a complexidade do ideário desses escritos.

A tradição vétero-testamentária da “realeza” de Deus e do “Messias”¹

Embora o termo “Reino de Deus” não seja uma expressão comum ao Antigo Testamento e à literatura intertestamentária, a temática da realeza divina é conhecida pelo menos desde o surgimento da monarquia em Israel. A compreensão de Deus como rei entende que o seu domínio não está restrito a Israel, mas se estende sobre outras nações e sobre toda a criação. O Templo de Jerusalém sobre Sião é o lugar de irradiação da dominação sobre Israel e sobre todo o mundo. Mesmo que Deus seja rei supremo, o seu domínio sobre as nações ainda está para se manifestar de maneira inequívoca. Com a perda da independência estatal de Israel e a experiência do exílio, a expectativa fica cada vez mais idealizada: no futuro, Deus reunirá seu povo novamente e restaurará Israel. Sião brilha-

1. Sobre o assunto, cf. Werner H. SCHMIDT, *A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo, 2004, p. 229ss; Stefan SCHREIBER, *Gesalbter und König: Titel und Konzeptionen der königlichen Gesalbtenenerwartung in frühjüdischen und christlichen Schriften*, Berlin, New York, 2000, p. 80ss; Martin KARRER, *Der Gesalbte: die Grundlagen des Christustitels*, Göttingen, 1990, p. 147ss.

rá, os povos peregrinarão até o monte e servirão ao Senhor e ao seu povo (p. ex.: Is 52,1-12; Sf 3,14-20). A expectativa, que inicialmente pressupunha apenas um recomeço para a casa de Davi, assumiu com o tempo um forte caráter escatológico.

Em muitos casos, a restauração do povo de Israel e a concretização do reinado de Deus são esperadas em conexão com a figura de um Messias. A palavra grega *Xristós*, usada para designar o messias, tem seu equivalente no hebraico *Masiah* e pode ser traduzida simplesmente como “ungido”. No Antigo Testamento, a palavra “ungido” refere-se em primeira linha aos reis. A unção fazia parte do cerimonial de entronização de um rei e servia como legitimação para o exercício do poder. O reinado davídico fundamentou seu estabelecimento através do termo “ungido de Javé”. O arquétipo do rei ungido por Deus era Davi (2Sm 7,11-16; Sl 89,20s). O termo Messias (ungido) também aparece ligado ao sacerdote, respectivamente ao sumo sacerdote (Ex 29,1-37; 30,30-33; 40,12-15; Zc 3; 6,13). Essa tradição provavelmente surgiu após a desintegração do reinado, quando o sumo sacerdote passou a assumir também funções régias. Ao lado do rei e do sumo sacerdote, também profetas podem ser – excepcionalmente – considerados “ungidos” (1Rs 19,16; Is 61,1). No período pós-exílico e principalmente nos dois últimos séculos antes da era comum, o título “Messias” se tornou cada vez mais uma designação para uma figura salvífica escatológica ou um termo técnico para o redentor do fim dos tempos.

a) O livro de Daniel

O livro de Daniel provavelmente ganhou sua forma final entre 167 e 164 aC, nos últimos anos do reinado de Antíoco IV Epífanes (175-164 aC)². É um período de grandes tensões, decorrentes da tentativa de Antíoco IV de helenizar forçosamente os judeus (1Mc 1,41-51; 2Mc 6,1-2). Enquanto uma parte do povo, especialmente aquela ligada à aristocracia, simpatizava com o helenismo, outra parte resistia com firmeza a essas medidas. Surgem perseguições e lutas. O levante sob a liderança dos macabeus mostra que havia grupos dispostos ao martírio para defender os costumes e a fé judaica. O livro de Daniel quer encorajar e fortalecer esses grupos através do anúncio da intervenção divina na história. Deus concretizará o seu reinado e permitirá ao povo uma vida livre e em paz. As nações que oprimiram Israel serão castigadas e para o resto fiel virá o tempo da salvação.

Um símbolo fundamental do reinado de Deus e da soberania do seu povo é o “Filho do Homem”, ou “algo que se parecia com um ser humano”. Essa figura será entronizada como regente do mundo:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram

2. Para questões gerais de contexto, surgimento e estrutura do livro, veja SCHMIDT, A fé do Antigo Testamento, p. 275ss; Pablo RICHARD, O povo de Deus contra o império. Daniel 7 em seu contexto literário e histórico, in: *RIBLA* n. 7, 1990/3, p. 22ss. Sobre o Filho do Homem, cf. Gerbern S. OEGEMA, *Der Gesalbte und sein Volk: Untersuchungen zum Konzeptualisierungsprozess der messianischen Erwartungen von den Makkabäern bis Bar Koziba*, Göttingen, 1994.

chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído (Dn 7,13s).

A figura do semelhante ao “Filho do Homem”, que não tem caráter real ou sacerdotal, tornou-se uma das mais importantes representações de messias do período romano-helenístico. A expectativa de reinado parece não estar ligada apenas ao “Filho do Homem”, mas a todos os santos do Altíssimo, que receberão de Deus domínio e poder sob o céu:

Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade (Dn 7,18).

O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão (Dn 7,27).

Também é importante acentuar que, no livro de Daniel, é Deus quem guia a história e é ele quem trará seu juízo e sua salvação para os santos, também para os mortos (12,2).

b) Os discursos figurados do livro etíope de Henoque³. O período de composição do livro vai do séc. 3 aC até o primeiro séc. dC. Apenas a versão etíope está conservada integralmente. Em analogia ao Pentateuco, o livro está dividido em cinco partes. Há um interesse especial por temas de caráter especulativo, como cosmologia, astrologia, astronomia e cálculos de calendário. Para a temática da escatologia, a parte dos discursos figurados (ou Livro das Parábolas), que engloba os capítulos 37-71, parece ser a mais interessante. Os discursos figurados apresentam três parábolas em forma de visão, onde são tematizados o julgamento dos iníquos, a salvação dos justos e a entronização do “eleito”. Algumas partes desses discursos podem ter surgido no séc. 1 aC, mas a maioria deve remontar ao séc. 1 dC. Mesmo que não representem uma unidade literária e que possivelmente surgiram no mesmo período das primeiras comunidades cristãs, as passagens messiânicas não devem ter sofrido influência do cristianismo. Os discursos expressam a esperança de um julgamento, no qual os justos serão recompensados com o tempo da salvação e os pecadores e os maus governantes serão castigados. Os detentores do poder econômico e político são fortemente atacados porque não crêem em Deus e no seu escolhido e porque sua influência e o seu domínio não são baseados em justiça:

Arremessará os reis de seus tronos e reinos, porque não exaltam nem louvam, nem agradecem porque se lhes foi dado o reino. Humilhará o rosto dos poderosos e os encherá de vergonha: a escuridão será a sua morada e os vermes o seu lei-

3. Sobre os Discursos Figurados cf. D.S. RUSSEL, *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*, São Paulo, 1997, p. 62ss; L. ROST, *Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*, São Paulo, 1980, p. 138; James H. CHARLESWORTH, *The Concept of the Messiah in the Pseudepigrapha*, in: ANRW II 19.1 (1979), p. 206s; Volker HAMPEL, *Menschensohn und historischer Jesus: ein Rätselwort als Schlüssel zum messianischen Selbstverständnis Jesu*, Neukirchen-Vluyn, 1990, p. 41-45.

to, e não terão esperança de levantar-se dali, porque não exaltam o nome do Senhor dos espíritos (46,5s).

E naqueles dias os reis da terra e os poderosos que possuem o mundo estarão cabisbaixos por causa dos atos de suas mãos; pois não salvarão suas almas no dia da sua angústia e penúria. Eu os colocarei nas mãos dos meus eleitos como palha no fogo e como chumbo na água; e assim arderão diante da face dos justos e afundarão diante da face dos santos, de maneira que não sobrar qualquer vestígio deles. No dia da sua angústia haverá tranqüilidade sobre a terra; eles cairão diante dele e não mais se levantarão. Não haverá quem os tome pelas mãos e os levante, pois rejeitaram o Senhor dos espíritos e o seu Messias (48,8-10).

E nesse dia se levantarão todos os reis, poderosos, engrandecidos e os que possuem a terra, e verão e saberão que ele se senta em seu trono glorioso e que em sua presença se faz justiça aos justos e que não há palavra vã que se diga diante dele (62,3).

Depois disso os seus rostos se encherão de trevas e vergonha diante do Filho do Homem e serão expulsos da sua presença e a espada habitará no meio deles, diante do seu rosto. Assim falou o Senhor dos espíritos: esta é condenação estabelecida para os poderosos, reis, exaltados e os que possuem a terra, diante do Senhor dos espíritos (63,11).

Em contraposição à dominação de reis e poderosos está a esperança numa regência teocrática no fim dos tempos. O tempo da salvação será inaugurado por uma figura salvífica, que se sentará no trono da glória (45,3; 51,3; 55,4; 61,8; 62,2.5; 69,27). São usadas diferentes titulações para se referir à figura salvífica. As mais comuns são: o “Eleito” (39,6; 40,5; 45,3-4; 49,2.4; 51,3.5; 52,6.9; 53,6; 55,4; 61,5.8.10; 62,1) e o “Filho do Homem” (46,2-4; 48,2; 62,5.7.9.14; 63,11; 69,26-27; 70,1)⁴. O título “Messias” aparece apenas duas vezes (48,10; 52,4). Outros termos escatológicos são “Justo” (53,6) e “Juiz” (41,9). O “Filho do Homem” é sem dúvida uma figura central na ação julgatória vindoura: seu aparecimento precede o tempo da salvação e possibilita a realização do novo éon. Com ele os justos e os escolhidos comerão no dia do juízo (62,14). Mas também aqui o acontecimento escatológico é concebido de forma teocêntrica: a legitimação e o poder das figuras envolvidas nesse acontecimento provêm exclusivamente de Deus.

c) Os Testamentos dos Doze Patriarcas⁵. Os Testamentos surgiram possivelmente a partir do início do séc. 2 aC e podem ter sofrido influência redacional cristã no séc. 2 dC. As discussões em torno de autoria, tempo e local de redação, bem como sobre o desenvolvimento redacional, permanecem bastante controversas. Os Testamentos pertencem ao gênero literário dos discursos de despedida. O Reino de Deus e o Messias não são temas centrais, mas várias passagens tematizam a vinda do Senhor para castigar os ímpios e redimir os justos e piedosos (p. ex.: TestRub 6,11s; TestSim

4. Para uma discussão a respeito do Filho do Homem nas parábolas de Enoque veja Alejandro Diez MACHO, *Introducción general a los Apócrifos del Antiguo Testamento*, Tomo I, Madri, 1984, p. 233ss.

5. Sobre os Testamentos cf. Alejandro Diez MACHO, *Introducción*, p. 265-270, 362-369; ROST, *Introdução*, p. 143-149; SCHREIBER, *Gesalbter*, p. 245-257.

6,3-7; TestLev 18; TestJud 24; TestZeb 10,3; TestDan 5,10b-13, TestNaftali 8,3). Referências ao Messias (ungido) se encontram em TestLev 17-18 e TestJud 24. TestLev 17 descreve um ciclo de sacerdócio que termina em fracasso. Depois que esse ciclo for interrompido, aparecerá um novo sacerdote, o sacerdote escatológico de TestLev 18:

E depois que a vingança do Senhor vir sobre eles, o sacerdócio se interromperá. E então o Senhor suscitará um novo sacerdote, a quem serão reveladas todas as palavras do Senhor. Ele julgará retamente sobre a terra durante muitos dias. [...] Brilhará como o sol na terra, eliminará todas as trevas abaixo do céu e haverá paz sobre toda a terra. [...] Durante o seu sacerdócio cessará o pecado e os ímpios cessarão de fazer o mal. [...] Ele abrirá as portas do paraíso e removerá a espada que desde Adão ameaça, e da árvore da vida dará de comer aos santos, e o espírito da santidade estará sobre eles. E Beliar será amarrado por ele e ele dará poder aos seus filhos para pisotear os maus espíritos. E o Senhor se regozijará em seus filhos e terá satisfação em seus amados para sempre.

Em TestJud 21 há uma divisão entre as funções reais e sacerdotais, sendo que a realeza é subordinada ao sacerdócio:

A mim o Senhor concedeu a realeza e a ele o sacerdócio, e subordinou a realeza ao sacerdócio. A mim concedeu as coisas terrenas, a ele as celestiais. Assim como o céu é superior à terra, assim também o sacerdócio de Deus predomina sobre a realeza da terra, a menos que o pecado o faça se afastar do Senhor e seja dominado pela realeza terrena (TestJud 21,2-4).

Essa perspectiva pode ser vista como uma reflexão crítica à tentativa hasmonéia de unificar o sacerdócio e o reinado, mas pode também ser uma expressão de esperança escatológica. Em TestJud 24,5s aparece uma figura de caráter real (monárquico), que trará justiça e salvação no fim dos tempos:

Então brilhará o cetro do meu reino, e da vossa raiz surgirá um rebento. E dele procederá um cetro da justiça para os gentios, para julgar e salvar a todos que invocam o Senhor.

d) O III Oráculo Sibilino⁶: O livro III é o maior e mais importante da coleção dos Oráculos Sibilinos. Surgiu provavelmente em torno de 150 aC, mas também sofreu algumas adições na metade do séc. 1 dC. Nesse livro há várias referências ao julgamento final, ao Messias e ao reino que será inaugurado. Chamam atenção as repetidas referências ao castigo dos injustos, à paz e à abundância que os justos desfrutarão no novo reino. Sinais de paz encontram-se na ausência de espadas e ruídos de guerra (707.750.752), na convivência pacífica de animais entre si e com os seres humanos (lobos e cordeiros pastarão juntos, o leão comerá feno com o boi, serpentes dormirão com crianças de peito: 788-794). A abundância engloba todas as esferas: a terra oferecerá trigo, vinho e azeite com fartura (745), o céu dará chuva e mel (746), as árvores

6. Cf. Emilio Suárez de LA TORRE, Oráculos Sibilinos, in: Alejandro Diez MACHO, Introducción general a los Apócrifos del Antiguo Testamento, Tomo III, p. 241ss; ROST, Introdução, p. 112ss.

darão frutos apropriados, haverá ricos rebanhos (748), cidades e campos estarão cheios de fartura (750).

No que diz respeito a uma figura de cunho escatológico, há a expectativa do envio de um rei, que, através de uma ação militar, possibilitará o irrompimento do tempo da salvação:

(652) E então Deus enviará do Oriente um rei, (653) que acabará com a guerra perniciosa em toda a terra; (654) a alguns trará a morte, a outros imporá juramentos de fidelidade. (655) Ele não fará isso tudo de acordo com seu próprio conselho, (655) mas em obediência aos nobres mandamentos do grande Deus. (657) O povo do grande Deus será carregado com extraordinária riqueza (658), com ouro, prata e adornos de púrpura, (659) e a terra produzirá frutos e o mar (660) estará repleto de bens.

A menção do rei do Oriente não tem ligação com um ungido davídico, mas possivelmente com um rei ptolomaico que trará a esperada libertação. Todavia, a figura real tem apenas um papel secundário, pois é Deus quem salva os eleitos, condena os pecadores gentios e levanta seu reinado entre os piedosos. Assim, os piedosos serão conduzidos por uma dominação teocrática para uma vida livre e reta.

e) Qumran⁷: Os textos de Qumran apresentam uma diversidade de representações acerca do tempo final, das figuras envolvidas e seus papéis nesse acontecimento. Há três linhas básicas: a esperança real, a sacerdotal e a profética: “até que venham o profeta e os Messias de Aarão e de Israel” (1QS IX,11). O messias real (“o Messias de Israel”) e o messias sacerdotal (“o Messias de Aarão”) são as representações mais importantes e apontam para a divisão entre as funções sacerdotais e reais. Essa separação de funções pode ser entendida como reação crítica à união das funções sacerdotais e políticas pelos hasmoneus e como reflexo dos interesses básicos das comunidades. A incidência do termo *Masiaḥ* é pequena nos escritos de Qumran, mas os termos “Príncipe da Comunidade” e “Rebento de Davi” demonstram a presença de representações messiânicas davídicas. Essas figuras possuem traços militares: na guerra final exterminarão os descrentes e conduzirão o povo ao reino de paz. Os Messias de Israel e de Aarão aparecem juntos numa série de textos, sendo que o Messias sacerdotal tem a precedência (vgl. 1QSa 2,18ss). Ao lado dos Messias de Aarão e de Israel, uma figura profética – Melquisedec – também desempenha um certo papel nos acontecimentos finais (1QS 9,10-11; CD II,12). Melquisedec anunciará libertação e perdão dos pecados e executará o juízo de Deus (11QMelch). Esporadicamente a expectativa final nos escritos de Qumran pode também renunciar a uma figura messiânica (1QM). Pesquisadores ainda discutem se as diferentes representações acerca do tempo final foram determinadas por mudanças nas relações de poder, ou se apenas indicam diferentes acentos na comunidade. Em todo caso, o termo “ungido” não precisa necessariamente estar vinculado a uma figura escatológica dos tempos finais, mas também pode se referir a figuras históricas, como os profetas do AT.

7. OEGEMA, Gesalbte, 86-99.108-115; SCHREIBER, Gesalbter, 99-111. 199-245.

f) Os Salmos de Salomão⁸. Os Salmos de Salomão devem ter sido compostos na metade do séc. 1 aC. O grupo tradente era provavelmente uma comunidade que estava vinculada a questões culturais. Os Salmos acentuam o antagonismo entre piedoso e ateu, justo e pecador. Os piedosos e justos terão a salvação, os pecadores e ateus terão a perdição (p.ex.: 1,1s; 3,1-12; 4,8; 9,6s; 12,1-5; 13,5-12; 14,3-10; 15,4-6). Acontecimentos históricos, como a tomada de Jerusalém através de Pompeu em 63 aC e a sua morte em 48 aC, são evocados nos salmos (8,15-21; 2,26s). Sob o negativo pano de fundo da dominação hasmonéia e da opressão pelos romanos, aparece nos salmos a esperança pelo irrompimento do infinito reinado de Deus, entendido como teocracia universal. Os Salmos 17 e 18 demonstram a esperança num Messias como sucessor de Davi, que libertará dos senhores injustos e dos inimigos com o poder da sua palavra e regerá em sabedoria e justiça. O ungido é nomeado por Deus e tem parte no poder e conhecimento divinos. Ele vencerá os pecadores e os inimigos de Israel e trará paz e o tempo de salvação para o povo de Deus:

PsSal 17: (21) Veja, Senhor, e suscita-lhes o seu rei, o filho de Davi, no tempo que escolheste, para reinar sobre o teu servo Israel. (22) Cerque-o de força, para destroçar os governantes injustos, purificar Jerusalém dos gentios que a pisoteiam. 26 Então ele reunirá um povo santo, o conduzirá com justiça e julgará as tribos do povo santificado por Deus. 28 E ele os dividirá de acordo com as suas tribos sobre a terra e nem o imigrante, nem o estrangeiro habitará no meio deles. 30 E ele terá os povos gentios sob o seu jugo, para que o sirvam, e ele glorificará o Senhor publicamente diante de toda a terra e ele purificará Jerusalém e a santificará, assim como era no princípio, 31 para que venham as nações dos confins da terra a contemplar sua glória, trazendo como presente seus filhos exaustos para contemplar a glória do Senhor com a qual Deus a glorificou. 32 Ele será sobre eles um rei justo, instruído por Deus e durante os seus dias não acontecerá injustiça entre eles, porque todos eles são santos e o seu rei é o ungido do Senhor. 33 Porque ele não confiará em cavalo, cavaleiro e arco; nem ajuntará para si ouro e prata para guerra e não colocará sua esperança na multidão no dia da batalha.

PsSal 18,5: Deus, purifica Israel para o dia da misericórdia, para o dia da eleição, quando o teu ungido virá para reinar. 6 Bem-aventurados os que nascerem naqueles dias para contemplar as boas coisas do Senhor, as quais ele fará à geração futura; 7 sob a vara corretora do ungido do Senhor, em sabedoria, em justiça e força do espírito para conduzir cada um para obras justas através do temor a Deus, para colocá-los todos na presença do Senhor.

Embora o Messias seja citado como aquele que regerá com sabedoria e justiça, Deus permanece como o rei que domina sobre toda a terra (2,30-32; 17,1.3.34).

8. CHARLESWORTH, *Messiah*, p. 197-199; KARRER, *Gesalbte*, p. 249-255; OEGEMA, *Gesalbte*, p. 104-107; SCHREIBER, *Gesalbter*, p. 96-99, 161-190.

g) Filo de Alexandria⁹. Os escritos de Filo (ca. 10 aC – 45 dC) contêm poucas passagens com referências a uma figura messiânica salvífica. Em VitMos I §§ 289-291 e Praem §§ 91-97 fala-se, com base em Nm 24,7 (na versão da Septuaginta), de um libertador que surgirá nos últimos tempos. Em VitMos I 290 essa figura esperada é retratada como um líder guerreiro:

Um dia surgirá dentre vós um homem e ele governará sobre muitos povos e o seu reino engrandecerá a cada dia e se elevará às alturas. Este povo teve em todo o seu caminho desde o Egito Deus como líder, que conduz a multidão em uma única coluna.

Em Praem 95, Nm 24,7 é em partes citado e interpretado como promessa. A guerra escatológica dos piedosos e seus inimigos retratada nesse contexto é apenas uma última alternativa, já que a paz final pode vir sem uma ação de guerra. A guerra possivelmente não acontecerá, pois a virtude e a atitude ética de Israel podem vencer os inimigos. Dessa forma, uma figura messiânica que aparece como líder numa guerra final é apenas secundária. Mas, se chegar a essa ação, Deus permanece no centro dos acontecimentos. Mais importante que a figura final são para Filo as leis mosaicas, que servem de base para a conduta de vida da nação hebréia e para possibilitar a redenção. As passagens Praem §§ 162-172 descrevem também um tempo final, no qual Israel será libertado dos povos do mundo e os judeus dispersos serão reunidos e reconciliados com Deus. Para Filo, Deus rege sobre o cosmo e sobre cada pessoa. A sua dominação é caracterizada por justiça, bondade e dedicação ao ser humano. Ela está em contraposição à dominação dos reis terrenos e ao mesmo tempo serve de exemplo para estes.

h) O 4º livro de Esdras¹⁰. O 4º livro de Esdras foi editado no fim do primeiro ou início do segundo século dC, sob o pano de fundo da derrota do levante judeu e da destruição do templo. O livro descreve o atual sofrimento como passageiro e como requisito para participação no éon futuro. Somente quem permanecer fiel à Torá terá participação nele. O livro tem três partes messiânicas: cap. 7; 11,37–12,34 e 13,3–14-9. O cap. 7 relata como o “Messias” aparecerá por um período delimitado e morrerá com a humanidade. O mundo volta para o silêncio original até que venham o julgamento final e a salvação:

²⁸Pois o meu filho, o messias, será revelado com todos que estão com ele e os que permaneceram terão alegria por 400 anos. ²⁹Depois desses anos o meu filho, o messias, morrerá e com ele todos os que respiram. ³⁰Então o mundo retornará ao silêncio primevo por sete dias, assim como foi no início, e não restará ninguém. ³¹E depois de sete dias, o mundo que dorme acordará e tudo o que é efêmero perecerá. ³²E a terra devolverá todos os que nela estão adormecidos e as câmaras devolverão as almas que lhe foram confiadas. ³³O Altíssimo aparecerá sobre o trono do julgamento: então virá o fim, a compaixão passará, a misericórdia esta-

9. Veja, para o que se segue, OEGEMA, *Gesalbte*, 115-122; SCHREIBER, *Gesalbter*, p. 269-274.

10. CHARLESWORTH, *Messiah*, p. 202-206; KARRER, *Gesalbte*, p. 302ss; OEGEMA, *Gesalbte*, 215-219; SCHREIBER, *Gesalbter*, 346-363.

rá longe e a tolerância desaparecerá; ³⁴ somente o meu juízo restará, a verdade permanecerá, a fé triunfará; ³⁵ a recompensa será dada, a retribuição se manifestará; as boas obras despertarão, e as alturas não mais adormecem. ³⁶Então aparecerá a cova do tormento e defronte dela o lugar de descanso; a fornalha do inferno será revelada e defronte dela o paraíso da bem-aventurança. ³⁷Então o Altíssimo falará para os povos que ressuscitaram: vejam e reconheçam aquele que vocês negaram, aquele que vocês não serviram, cujos mandamentos vocês desprezaram. ³⁸Olhem para este e para aquele lado: aqui há bem-aventurança e descanso, lá há fogo e tormento. Estas palavras ele dirá para eles no dia do julgamento.

¹¹³Mas o dia do julgamento será o fim deste mundo e o início da era imortal, na qual a perversão será deixada para trás, ¹¹⁴a indisciplina terá fim, a descrença será extirpada; mas a justiça crescerá e a verdade aparecerá.

Na segunda parte messiânica (11,37–12,34) fala-se sobre o Messias na forma de um leão, que luta contra a águia, respectivamente contra o quarto reinado mundial (cf. Dn 7,7s). O leão acusa a águia e revela toda a sua injustiça (11,37-46). Em consequência dessa acusação, a águia é vencida e a terra se admira (12,1-3). O Messias é identificado com a linhagem de Davi e tem funções de juiz. Ele castigará ateus e injustos, trazendo-os diante do juízo e dizimando-os. O resto do povo fiel será redimido e viverá em regozijo (12,31-34):

Na terceira parte messiânica (13,3–14,9), o Messias é identificado com o título “meu filho” (13,32.37.52; 14,9). Essa figura aparece do coração do mar para redimir os moradores da terra. Sem espada ou qualquer outra arma ele destruirá os inimigos (13,9-11.27-28). Sião reaparecerá e será revelado a todos e o filho castigará os povos que subiram contra ele (13,36s).

Resumo: Esse breve apanhado mostra que não havia uma visão uniforme acerca dos acontecimentos futuros, e sim uma variedade de compreensões e expectativas. As expectativas messiânicas não tinham um entendimento uniforme nem sobre o tempo de salvação, nem sobre quem conduzirá os acontecimentos finais. A figura messiânica não era vista exclusivamente como figura real ligada à linhagem de Davi. Fazer uma sistematização das diferentes percepções ou ordená-las segundo um desenvolvimento histórico é certamente uma tarefa árdua. Da mesma forma, é difícil determinar a que ponto as diferentes concepções eram conhecidas e aceitas pelo povo. Em todo caso, elas representam a convicção de determinados grupos ou tendências e, como tais, devem ser consideradas. As pessoas ou grupos que defendiam tais convicções consideravam-nas legítimas.

Apesar das diferenças, há também pontos de confluência e aspectos que certamente eram compartilhados em maior ou menor intensidade por uma grande parcela da população. Uma expectativa generalizada é a de que o tempo da salvação será incomparavelmente melhor que o tempo presente: será um tempo de paz integral, ale-

gria e abundância. Nesse tempo, Deus colocará um fim à opressão e ao domínio estrangeiro e regerá seu povo com paz e justiça. A dominação de Deus será completa e infinita sobre toda sua criação.

Elementos básicos do pensamento escatológico

O julgamento final. A irrupção do tempo da salvação é esperada geralmente em combinação com um julgamento final. Nele, os pagãos, injustos e pecadores serão condenados e castigados. Por outro lado, os justos, fiéis seguidores da Torá e piedosos, serão recompensados. A forma e a amplitude do castigo e da recompensa variam. A recompensa é representada, entre outras coisas, pelo fim de todos os sofrimentos, com imagens de abundância e riqueza, com uma vida na presença de Deus. O castigo vai desde a exclusão da comunhão com Deus e com os justos, até a aflição eterna. O aniquilamento dos injustos e ateus é um motivo decisivo e reflete a perspectiva apocalíptica dos escritos. A expectativa de castigo para aqueles que tiranizam os justos e a perspectiva de recompensa no fim dos tempos auxilia os piedosos, em tempos de tribulação, a manter a fidelidade e a fé em Deus.

Avaliação negativa dos detentores de poder. A crítica à falta de integridade e de justiça no exercício do poder perpassa vários escritos. Isso mostra que tanto as expectativas messiânicas, como as diferenças nas expectativas, não podem ser dissociadas dos fatores históricos e das relações de poder político-religiosas, embora nem sempre é possível demonstrar a correspondência entre as circunstâncias políticas e as expectativas escatológicas messiânicas. As experiências negativas com a dominação estrangeira e com os detentores de poder internos levaram em muitos casos a uma visão apocalíptica de história, na qual as condições históricas são representadas por meio de confrontos cósmicos entre Deus e satã.

O domínio de Deus. Mesmo que a sua dominação ainda não seja percebida de forma nítida por todas as pessoas, JHWH é rei porque possui poder sobre a criação e a história. No futuro, essa dominação se manifestará de forma inequívoca e Deus sozinho regerá definitivamente sobre todos os povos. Essa compreensão da dominação de Deus e a expectativa de sua realização eram parte integrante da cosmovisão judaica e constituíam uma expectativa dominante também na época de Jesus.

Israel e os povos. Apesar de séculos sob domínio estranho, a esperança no restabelecimento de um estado independente não estava de forma alguma enfraquecida. A restauração das dez tribos dispersas pelos assírios e a reunião de todas as doze tribos numa aliança são tematizadas em escritos de diferentes épocas (p.ex.: Is 49,6; Sir 36,11; 48,10; PsSal 17,26-29; 2Mc 1,27; 2,18; Jub 1,15; 1QM 2,1ss; 5,1). A restauração das doze tribos pressupõe o domínio sobre a terra que originalmente pertencia a Israel. Alguns escritos expressam a expectativa que o Messias reunirá o povo de Israel para conduzi-lo em uma guerra escatológica contra os inimigos. Outros apontam para uma intervenção sobrenatural de Deus, sem qualquer confronto de guerra. Enquanto alguns anunciam a destruição ou a submissão dos gentios ao povo de Israel, outros esperam a sua conversão, para que experimentem a salvação. Unidade há, em todo caso,

no fato que os gentios perderão seu poder sobre Israel, quando Israel for novamente levantado.

A figura (messiânica) do tempo final. O surgimento de uma figura que antecipa ou traz o tempo da salvação era uma representação amplamente conhecida. A figura escatológica é um representante divino que desempenhará um papel importante nos eventos do tempo final. No julgamento final, essa figura recompensará os justos e piedosos e castigará os injustos e pagãos. No âmbito político, destruirá os inimigos e trará paz e liberdade para Israel. Apesar da sua importante função, essa figura está sempre subordinada a Deus. Em alguns casos, o Messias tem um papel considerável, em outros ele nem aparece. Em resumo: o acontecimento escatológico é um acontecimento teocêntrico. É possível reconhecer três tradições ou linhas mestras sobre a figura messiânica: a real (davídica ou não), a sacerdotal e a profética. Além disso há também a tradição apocalíptica do Filho do Homem. Às vezes, as tradições aparecem independentemente, outras vezes se complementam e outras vezes se excluem. O Messias, portanto, pode ser uma figura sacerdotal, profética, real ou de outra natureza, que desempenhará um papel no fim dos tempos como representante da ação divina¹¹. Um Messias não precisa ser necessariamente um ser divino, como é o caso nas representações apocalípticas. Uma pessoa que acredita ser ungida por Deus para desempenhar uma função de liderança na restauração de Israel pode se autodenominar Messias ou ser denominada por outras pessoas. Mais importante que a figura dos tempos finais é o esperado tempo final em si.

Renovação cultural. Jerusalém e o templo eram símbolos importantes para a fé israelita. De acordo com a profecia de Isaías, no fim dos dias o Monte Sião com a casa do Senhor será reconhecido como o maior monte, para o qual todos os povos virão para glorificar a Deus (Is 2,1ss; 60,13; PsSal 8,12; 17,30; OrSib 3,657-709). Mesmo que nem todos insistissem em um novo templo, a realização da dominação de Deus trará conseqüências para o culto e as pessoas. As pessoas servirão a Deus através de um puro e justo culto.

A irrupção do tempo da salvação. Certamente havia pessoas que tinham a esperança de uma vinda iminente do tempo da salvação e aquelas que não compartilhavam dessa expectativa. Algumas esperavam uma figura messiânica e outras esperavam pela intervenção direta de Deus. Talvez também havia aquelas que nem tinham qualquer esperança escatológica. Enquanto algumas se esforçavam através da oração, outras se apegavam ao seguimento fiel da Torá para acelerar a vinda do fim dos tempos. Outras, ainda, estavam dispostas a pegar em armas e conduzir uma guerra santa para libertar o povo e para lutar pela vinda da dominação de Deus. Mas também estas se consideravam dependentes de Deus e esperavam a sua definitiva ação.

A vinda ou concretização inequívoca do reinado divino era um elemento constante da expectativa escatológica judaica. Quando Jesus anuncia a vinda do reinado de Deus, fala de um ideal conhecido e por isso deve ter encontrado ouvidos atentos para

11. OEGEMA, Gesalbte, 28. Cf. também SCHREIBER, Gesalbter, 15.

esse anúncio. Contudo, não havia um ideal escatológico uniforme. Seu anúncio certamente despertou diferentes sentimentos e expectativas em relação à sua pessoa. Mas isso já é outra história...

Bibliografia consultada (seleção)

CHARLESWORTH, James H. The Concept of the Messiah in the Pseudepigrapha, in: *ANRW* II 19.1 (1979).

DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos del Antiguo Testamento*, Madrid, 1982-1987, 5 v.

HAMPEL, Volker. *Menschensohn und historischer Jesu: ein Rätselwort als Schlüssel zum messianischen Selbstverständnis Jesu*, Neukirchen-Vluyn, 1990, p. 41-45.

KARRER, Martin. *Der Gesalbte: die Grundlagen des Christustitels*, Göttingen, 1990.

KAUTZSCH, Emil. *Die Apokryphen und Pseudepigraphen des Alten Testaments*, Tübingen, 1921.

OEGEMA, Gerbern S. *Der Gesalbte und sein Volk: Untersuchungen zum Konzeptualisierungsprozess der messianischen Erwartungen von den Makkabäern bis Bar Koziba*, Göttingen, 1994.

RICHARD, Pablo. O povo de Deus contra o Império. Daniel 7 em seu contexto literário e histórico, in: *RIBLA* n. 7, 1990/3, p. 22ss.

ROST, L. *Introdução aos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*, São Paulo, 1980.

RUSSEL, D.S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*, São Paulo, 1997.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*, São Leopoldo, 2004.

SCHREIBER, Stefan. *Gesalbter und König: Titel und Konzeptionen der königlichen Gesalbtenenerwartung in frühjüdischen und christlichen Schriften*, Berlin, New York, 2000.

VOIGT, Emilio. *Die Jesusbewegung. Hintergründe ihrer Entstehung und Ausbreitung – eine historisch.-exegetische Untersuchung über die Motive der Jesusnachfolge*, Stuttgart, 2006.